

Um homem puxa um cavalo na neve. É o começo do inverno entre as montanhas do Afeganistão. A guerra dura há oito anos. Bombardeamentos, combates, centenas de milhares de mortos. O exército soviético controla ou alveja as estradas. Os campos estão minados. O homem segue um trilho longe dos homens, e mal conhece o cavalo, o país, a língua.

Vinte anos depois, por exemplo em Angoulême, um leitor abre um álbum que acaba de ser premiado no festival de banda desenhada e encontra esta sequência desenhada, homem e cavalo, silhuetas a negro sobre o verde angustante da neve nocturna, até que o cavalo se recusa a andar. O homem cai exausto, tira da mala uma máquina para fotografar desde o chão. “Para que saibam onde morri”, diz o último quadradinho.

O leitor vira a página e vê o que o homem fotografou: um plano com o cavalo de pé entre o nevoeiro; outro plano com a paisagem deserta. E no plano seguinte o fotógrafo desenhado, sequência de quadradinhos com a silhueta caída na neve, e depois negro, negro, negro, vazio de fotografia e desenho.

Uma morte invisível.

Ao mesmo tempo o leitor sabe que não – se a história está a ser contada é porque o homem sobreviveu.

Uma “história vivida, fotografada e contada por Didier

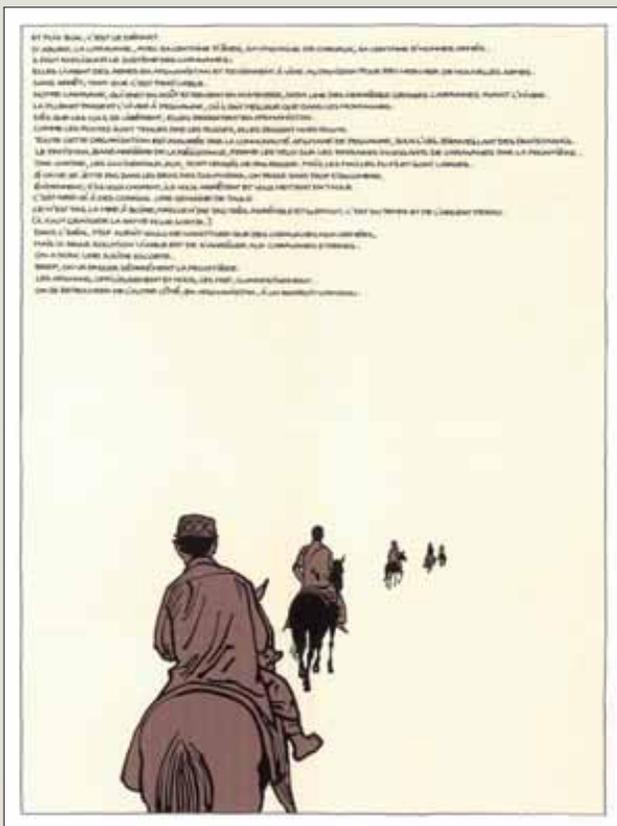
Lefèvre, escrita e desenhada por Emmanuel Guibert, paginada e colorida por Frédéric Lemerrier”, em três volumes – “Le Photographe”.

Em 2005, desenhos e fotografias originais dos dois primeiros tomos estiveram expostos no Salão Lisboa de Banda Desenhada, na Estufa Fria, e Emmanuel Guibert e Didier Lefèvre vieram a Lisboa. Uma das anfitriãs, Rosa Barreto, directora da Bedeteca, lembra-se de Didier e Emmanuel treparem a colina da Graça num entusiasmo de um (Emmanuel) mostrar Lisboa ao outro (Didier). E espera ver o livro traduzido em Portugal (a edição original pode ser encontrada, por exemplo, na Librairie Française, em Lisboa, e há uma tradução brasileira): “Se um livro merecia que um editor português pegasse nele é este, obra magnífica que traz uma imensa novidade na mistura da banda desenhada e da fotografia.”

Viagem-aventura-BD-fotografia, “Le Photographe” assombra, comove e angustia, sem perder o humor. Não é o livro de uma difícil missão dos Médicos Sem Fronteiras (embora também), nem um livro do Afeganistão em 1986 (embora também), mas o livro de um homem em viagem ao fim do mundo, ao quase fim de si próprio.

Didier tinha então 29 anos.

Não morreu nessa viagem, que acabou por ser a primeira de várias ao Afeganistão e pelo mundo como repórter fotográfico, um repórter raro de atenção e contenção, modestia e empenho, tal como o recordam figuras tão distintas como o autor de livros



Didier Afegani

Um homem em viagem ao fim do mundo, É ele “o fotógrafo”. Banda desenhada premiada no último Festival de assombra, comove e angustia, sem

Pranchas de “Le Photographe”, uma “história vivida, fotografada e contada por Didier Lefèvre, escrita e desenhada por Emmanuel Guibert, paginada e colorida por Frédéric Lemerrier”. Em 2005, Emmanuel Guibert e Didier Lefèvre vieram a Lisboa





**“Era um homem encantador, contador de histórias, afável, extrovertido”
descreve Rosa Barreto. “Um homem alegre”**

de viagens Rory Stewart (que ao percorrer a pé o Afeganistão conheceu Didier em Bamyan e gostou tanto dele que lhe pediu uma boleia de carro para o seu cão) ou a repórter Florence Aubenas, mundialmente célebre por ter sido raptada no Iraque (que o homenageou com um texto emocionado no “Nouvel Observateur”).

“Era um homem encantador, contador de histórias, afável, extrovertido” descreve Rosa Barreto. “Um homem alegre.”

Em “Le Photographe” parece ser tudo isto, e inteiramente humano. Curioso, corajoso, solidário, mas também individualista, impaciente, precipitado. No pior, podíamos ser ele. No melhor, gostaríamos de ser ele.

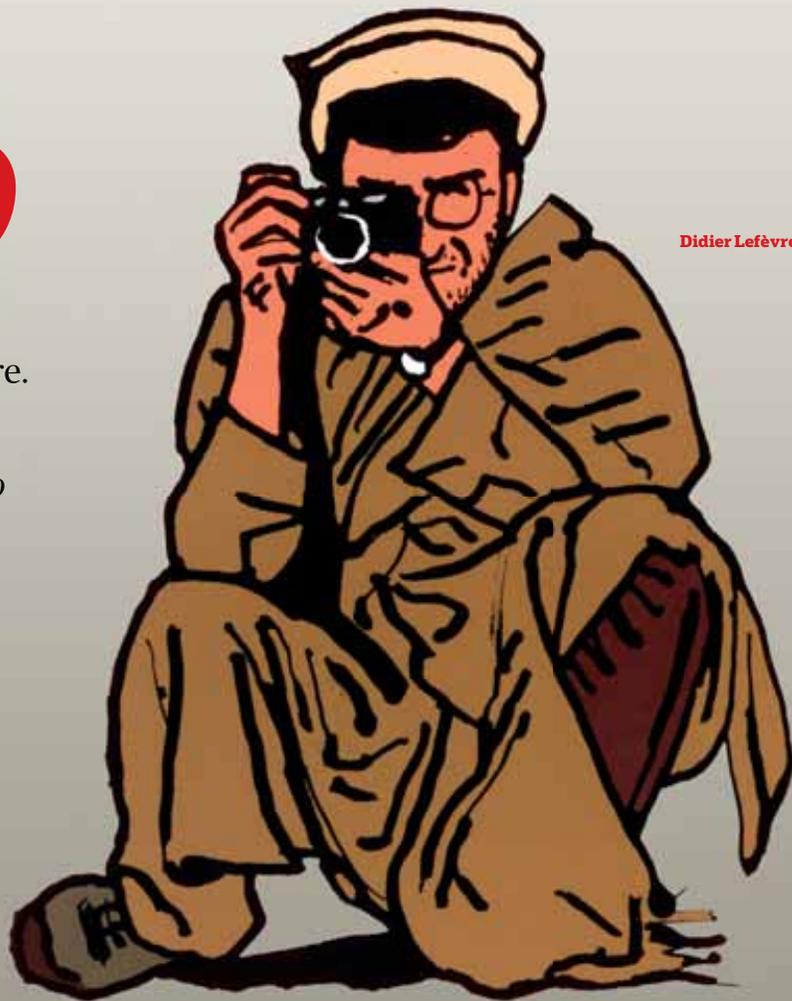
Morreu subitamente de ataque cardíaco, dia 29 de Janeiro. Tinha 49 anos.

Partida, estadia, regresso

O primeiro álbum começa em Julho de 1986. Didier diz adeus a Paris, à mãe, aos amigos. Os Médicos Sem Fronteiras convidaram-no a fazer a cobertura fotográfica de uma mis- →

ier no nistaão

ao quase fim de si próprio, Didier Lefèvre. com fotografia, obra épica e única, Angoulême, “Le Photographe” perder o humor. *Alexandra Lucas Coelho*



Didier Lefèvre



Rosa Barreto, directora da Bedeteca, diz que merecia ser traduzida "esta obra magnífica que traz uma imensa novidade na mistura da banda desenhada e da fotografia"

← são no Afeganistão. Recebem-na na cidade paquistanesa de fronteira que lhes serve de base, Peshawar, a transbordar de refugiados afegãos. A chefe de missão, Juliette Fournot, que passou a adolescência no Afeganistão e fala dari, o dialecto persa afegão; o cirurgião americano John; o anestesista Régis; Robert - serão os companheiros de Didier nos próximos três meses.

E desde a primeira página há sequências de fotografias em provas de contacto, fotografias em grande formato e quadradinhos coloridos. O desenho mostra o fotógrafo e o que o fotógrafo viu. A fotografia mostra o que ele fotografou.

A preparação leva um mês. Didier aclimata-se. Tem o seu colchão no chão. Levam-no ao alfaiate para que esteja conforme a ideia de decência local e se confunda na multidão. Aprende a empacotar caixotes bem cheios para que nada se movimente no interior, tudo envolto em plástico em caso de queda nos rios.

Durante semanas dizem-lhe como vai ser duro. Passar a pé 15 montanhas de mais de 5 mil metros.

A caravana vai atravessar o Badakshan, região do Norte, em direcção a Feyzabad, para chegar a um pequeno hospital de guerra num vale e criar outro mais longe. As estradas estão tomadas pelo exército governamental e pelos russos.

Didier assiste à negociação no mercado de cavalos, essencial para quem vai depender deles.

Ensaia os primeiros rudimentos de dari, as extensas e essenciais formas de cumprimento que qualquer viajante deve saber, além de salaam aleikum: mandanabashi (que não fiques cansado), sendabashi (que te mantenhas vivo), djur bashi (que te mantenhas em forma), tchetor astin (como vais?), khub astin (isso vai bem?).

Juliette diz-lhe que vai descobrir o mais belo país do mundo. A caravana parte disfarçada com burqas para passar a fronteira.

Didier leva um livrinho de viagens de Stevenson na bagagem.

Descobre como num país de homens os homens compreendem que quem manda é aquela mulher loura e firme, Juliette - e descobre as botas que se descosem nas pedras, os anfitriões traficantes de tudo, os caminhos cheios de cavalos e burros mortos, montanhas áridas e vales, bosques e rios rápidos, campos e outras caravanas com gente doente de tudo.

Até o que os homens fazem a sós requer uma aprendizagem. Urinar (não de pé) ou defecar (não se limpar com a mão direita, que é a de comer). O papel higiénico é um luxo - usam-se pedras e água.

O segundo volume é dominado pelas operações e tratamentos médicos. Mãos e pés queimados, meninos cegos, paralisados, de cara desfeita, apanhados pela guerra. Cirurgias toda a noite à luz de lanternas. Didier a chorar em silêncio. Juliette a chorar de câmara na mão, depois de filmar um menino que não há-de viver (o terceiro volume de "Le Photographe" inclui o DVD do filme que ela fez).

Ao fim de um mês de estadia, o regresso da equipa é atrasado uma semana e Didier, já ansioso por voltar a França, decide voltar sozinho. Já quase não tem rolos fotográficos, e se não puder fotografar já não quer estar ali.

O terceiro volume abre com uma grande sequência fotográfica - homens, homens e paisagem, homens e animais. Didier e um primeiro guia dormem em mesquitas, as conversas à noite sempre iguais, sobre religião. "Isawi" (cristão), repete ele. Em casa do homem que lhe vai dar uma escolta, quando todos exibem malabarismos com a metralhadora, Didier exhibe a câmara.

A escolta vêm a ser quatro homens contrariados que se arrastam. Didier tem um fúrculo no braço e dores nas gengivas. Os homens não o respeitam ou ele não se impõe. Não falam a mesma língua, e isso vai muito além de ter um dicionário de

dari, é todo um código de conduta. Abandonam-no. Começa a nevar.

Didier só não morre aqui porque uma caravana o encontra antes de gelar. Aceitam levá-lo por dinheiro. "More money", vão repetindo. Chega a Peshawar a 25 de Outubro. Reencontra Juliette, John. Acabaram por chegar ao mesmo tempo. Eles ouvem a tremenda história do seu regresso. Mas como dirá Juliette ao Ipsilon, se quando leu "Le Photographe" percebeu a verdadeira dimensão do que foi o regresso de Didier.

Viagem ressuscitada

Emmanuel Guibert e Didier Lefèvre foram vizinhos de juventude. Didier tinha 21 anos quando Emmanuel ainda tinha 14, mas moravam na mesma zona de Paris, junto do Trocadéro. "Nós dizíamos bom dia, boa noite, as nossas mães é que se falavam mesmo", conta Guibert, ao telefone com o Ipsilon.

Didier estudou biologia, pensava ser farmacêutico e foi nessa qualidade que se aproximou dos Médicos Sem Fronteiras. A fotografia veio depois.

Guibert, que desde pequeno desenhava, estudou artes plásticas e começou a fazer BD. Em 1994, a partir do testemunho de um amigo, criou "La Guerre d'Alan", e foi assim que se iniciou neste género invulgar, contar a história dos outros. Alan conta a Emmanuel que conta aos leitores, em BD.

Foi assim que, depois de Didier e Emmanuel se terem reencontrado numa fase da vida em que a diferença de idades já não fazia diferença, a ideia de "Le Photographe" nasceu naturalmente em 1997-98.

"O Didier pôs-me no colo provas de contacto e pedi-lhe que me mostrasse o que mais o tinha marcado. Ele foi buscar 130 provas da missão afegã e começou a descrevê-la. Aquelas imagens não eram um filme, não eram um romance, nem uma reportagem, eram fotografias que não temos o hábito de ver. Tinham a força de uma história, mesmo quando não

"Às vezes Didier tinha escolhido uma fotografia de um conjunto, e o que me saltava aos olhos era o conjunto, ver aquilo em movimento, refazer o movimento do olho, quase com os gritos, o ambiente da cena. Por isso há páginas inteiras de fotografias"
Emmanuel Guibert

eram bem sucedidas fotograficamente." Falaram e viram imagens toda a tarde. "No fim disse-lhe que queria que ele me contasse tudo mais em detalhe. E começámos a passar algumas horas juntos para gravar. Aí o projecto de um livro já tinha nascido. Aquilo já não eram fotografias de actualidade. Era tempo de fazer um livro, misturando os nossos saberes."

Já eram mais que ex-vizinhos. "Éramos muito amigos. Um dos meus objectivos com o livro era passar mais tempo com ele. E depois fazer justiça a fotografias que não tinham sido bem vistas ou não tinham sido vistas de todo."

E que queria Didier? "Colaborar comigo e prestar homenagem aos médicos, aos afegãos e ao Afeganistão."

Didier ainda se encontrava com o grupo de médicos? "Viam-se. Ele era muito próximo do pai de Juliette, um homem muito pedagogo, muito caloroso. Didier não tinha pai e eles tiveram uma relação muito estreita. E eu tinha esperança de aceder a este círculo de amigos de que ele falava com estrelas nos olhos."

Todos os detalhes faziam falta. "Para contar na primeira pessoa uma vida que não é a minha preciso de muitos pormenores. Didier tinha um talento de contador e rever as fotografias foi um auxiliar de memória. Acabámos por reviver esta viagem, através das montanhas, até se instalar o hospital."

Entre 10 e 15 cassetes gravadas, mais notas.

"Era preciso que eu colocasse Didier no ombro de cada leitor. A banda desenhada põe o leitor em condições de compreender o que está nas fotografias, antes e depois, e o que acontece de cada vez que um fotógrafo não pode fotografar, preenche os buracos negros."

Mas ao ser alternada não apenas com fotografias mas com sequências fotográficas em bruto - as provas de contacto -, exigia muito de Didier. "Para um fotógrafo as provas são





como um borrão. Mais tarde ele disse-me que o que me deixou fazer estava em contradição com a essência da sua profissão, que é escolher. A escolha era completamente minha e ele nunca a contestou, mesmo quando considerava as fotografias más. A única coisa em que eu pensava era: é útil para a história? Então entra.”

Mas isto implicou uma poderosa descoberta. “A sequência fotográfica. Às vezes Didier tinha escolhido uma fotografia de um conjunto, e o que me saltava aos olhos era o conjunto, ver aquilo em movimento, refazer o movimento do olho, quase com os gritos, o ambiente da cena. Por isso há páginas inteiras de fotografias.”

A sensação de movimento é de facto tão extraordinária que quem veja o DVD do terceiro volume tem a sensação de já ter visto aquelas pessoas em movimento. O impacto do movimento no filme já não existe.

Para Guibert foi sempre claro que o projecto seria centrado em Didier. “Eu tinha acesso a alguém que descobria. Descobria um país através de um narrador. Não há a personagem professoral, intimidante. Didier dizia: eu sou cándido. E vemo-lo a pouco e pouco, com dificuldades. Era a sua qualidade de homem. Não era um ser excepcional. É isso que vai transportar tudo o resto. O que deve envolver tudo é a personalidade de um homem fora do comum mas comum. Florence Aubenac conta como uma vez disseram a Didier que ele não parecia um repórter, parecia um homem. E era isso que sentíamos na sua presença.”

Há ainda uma questão de pudor: “Chamei-lhe ‘Le Photographe’ porque, a partir da marcha de um homem, isto não podia ser um relato geo-político, ou sobre a ocupação soviética, seria como um erro de foco fotográfico. Era preciso saber quem fala. Quando sabemos quem fala temos acesso directo ao que ela conta.”

Juliette e os outros, diz Emmanuel, aceitaram desde o começo que este era o relato de Didier “mesmo

quando era contraditório com o que sentiam”. No primeiro volume não participaram, mas para o segundo contribuíram refazendo conversas de que Didier já não se lembrava, sobre a anestesia, ou a guerra, ou as mulheres.

E ao longo de todo este processo, como falava Didier do Afeganistão? Que relação criaria com um país onde quase morrerá? “Ele perdeu 14 dentes depois do regresso, custou-lhe caro. Mas sabia que queria voltar. Foi subjugado. Dizia sempre que se pudesse voltava amanhã.”

Depois de “Le Photographe” começar a sair, o jornal “L’Équipe” convidou Didier a fotografar o regresso da equipa de futebol afegã, em Cabul.

Quanto a trabalho, foi isto. “E recebemos e-mails e cartas do mundo inteiro, de gente que o tinha encontrado.”

E para quem estava lá?

Juliette, 53 anos, agora está em Paris. Depois da viagem de 1986, casou com John, foi ajudar na criação dos MSF nos Estados Unidos, teve uma filha, separou-se, voltou a França há quatro anos. Hoje cuida da filha e da mãe, que tem Alzheimer, depois da morte do pai.

Porque os seus pais viveram e viajaram extensamente pelo Afeganistão, Juliette viveu aí entre os 11 e os 18 anos. O seu dari já foi de bilingue, e ainda é o bastante para “bavarder”, como ela diz. No fim dos anos 1980, menos politicamente islamizados do que hoje, era mais que suficiente para isso fazer grande diferença, e é-la em “Le Photographe” a escolher cavalos, a pagar aos homens, a escolher os seus longos cabelos louros entre vales e montanhas, sempre elegante. “No começo foi difícil por ser mulher, mas não tentei parecer um homem. Houve uma relação de respeito e de escuta. Eles viam que eu trabalhava, reconheciam valores que respeitam: quando dou a minha palavra é para sempre, não os humilhava, não os fazia perder a face, respeitava

códigos como não lhes tocar, cobrir braços e pernas, o lenço na cabeça mostrava que eu os respeitava.”

O protocolo não é um pormenor, pode significar a sobrevivência. “É essencial. Os pequenos sinais, as coisas a dizer e a não dizer. Há um código de honra estreito e eu não hesitava em fazer apelo a ele para os ganhar para as minhas ideias.”

Foi Juliette quem desafiou Didier para a viagem. Cruzavam-se em reuniões dos MSF. “Ele tinha uma fisionomia doce, agradável, que não se impunha.” Havia pouca cobertura mediática. Os soviéticos mal davam vistos a jornalistas. “Eu queria que Didier viesse pelos MSF e pelo exterior. Ele disse logo que sim, e integrou-se de forma muito fluida.” Tinha carta branca e Juliette não se lembra de o ouvir queixar-se. “Jamais. Nem de fome, nem de sede, nem de frio, nem da gente.”

Como se explica que tenha sido abandonado pela escolta, no regresso? “Não falavam a mesma língua, ele não estabeleceu uma relação de autoridade com o grupo, não tinham os mesmos objectivos.” Juliette, que o tinha tentado dissuadir a voltar sozinho, ao ler a BD teve um choque. “Fiquei com pele de galinha e tive pesadelos. Ele tinha-me contado, mas a primeira descoberta verdadeira, de sentir na carne, de perceber como ele estava vulnerável e à mercê de decisões fatais, foi no livro.” E em “Voyages en Afghanistan: Le pays des citrons doux et des oranges amères”, álbum de fotografias sobre o Afeganistão que Didier publicou (e está esgotado).

O que se passa na fase em que Didier puxa o cavalo é já o delírio. “A falta de proteínas e a altitude têm este efeito.”

E uma quase-afegã como Juliette reconhece-se no olhar de Didier sobre os afegãos? “Não é a minha percepção, mas os afegãos não se portam comigo como com os estrangeiros. Acho que ele retrata bem os paradoxos, o bom e o mau – eu não vi o mau com as dificuldades dele. É um olhar completo, é o que lhe aconteceu. E o leitor fica livre, recebe os dados em bruto.”

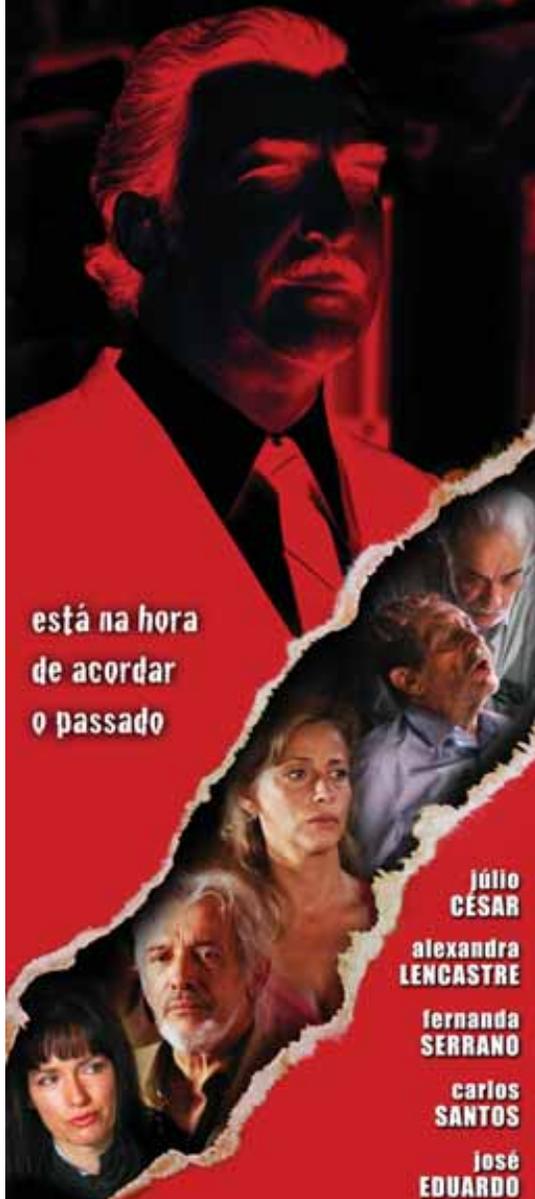
Porque voltou Didier ao Afeganistão? “Os afegãos agarram-nos, mesmo quando nos exasperam. Há um lado estético, são muito bonitos, o país é muito bonito. E no Afeganistão ficam mais face a face connosco. É isso que nos fascina: não podemos fingir o que não somos. Há um despojamento de bens materiais e há uma gente com grande tenacidade e coragem, isso baralha os nossos valores, os pequenos confortos. Eles estarem dispostos a bater-se contra os soviéticos até desaparecerem da terra.”

Depois, nos últimos 20 anos, aconteceram “coisas terríveis”, com “a instrumentalização, a politização do islão”. O Afeganistão de Juliette, do século XX, “era muito parecido com o de há séculos, protegido do resto do mundo, vivendo de maneira bíblica”. Também isso fascinou gerações. Um mundo em que as mulheres faziam os seus próprios utensílios de cozinha mas ao mesmo tempo existia uma cultura refinada, com tapetes sumptuosos. “Não é o mesmo choque da miséria em África. O impacto do Afeganistão era o de ir para trás no tempo.”

Desde 1991, quando a sua filha nasceu, que Juliette não vai lá. Em 2004, ao fim de inúmeras missões extremas, os MSF abandonaram o Afeganistão, até hoje, depois de cinco membros terem sido mortos. “É terrível, mas o que me preocupa mesmo são os afegãos que vivem sem perspectivas. Não há realmente esperança e isso é que é pesado, não os MSF não estarem lá.”

De todas as vezes que Didier voltou, depois da primeira, era isso também.

do realizador de ZONA J e A SELVA
e produtor de FILME DA TRETA



está na hora
de acordar
o passado

Júlio
CÉSAR

Alexandra
LENCASTRE

Fernanda
SERRANO

Carlos
SANTOS

José
EDUARDO

um filme de LEONEL VIEIRA

JULGAMENTO

uma produção STUPLINE FILMS
JULIO CESAR - ALEXANDRA LENCASTRE - FERNANDA SERRANO
JOSE EDUARDO - CARLOS SANTOS - WENDRIG VIANA
UMA CO-PRODUÇÃO TVI / CINEMATE COM O SUPO INSTITUTO ICA/ IP
DIRECÇÃO DE FOTOGRAFIA CÁNDIDA VIEIRA - PRODUTOR EXECUTIVO PEDRO CAMACHO
DIRECÇÃO DE ARTES JOÃO MARTINS LADINO - MONTAGEM ISABELE GUARDIOS
SONO PEDRO MELO / BRANDO ARESKOV (C.A.S.) - MÚSICA RUIO MALO
DISTRIBUIÇÃO PEDRO RIBEIRO - DIRECTOR DE FOTOGRAFIA JOSÉ ANTONIO LOUREIRO (A.L.P.)
EDITADO POR JOÃO NUNES - BASEADO NA OBRA AUTÓGRAFA DE JULIETTE ALMADA - PRODUTORA E REALIZADORA LEONEL VIEIRA

SCOPLINE

TVI

ICA/IP

CASTELLO LOPES MULTIMEDIA

www.castellolopesmultimedia.com

2ª SEMANA NOS CINEMAS

